



O olival de Beja não dá só azeitona

Também há problemas. Autoridades locais estão preocupadas com **condições de vida dos trabalhadores**



Berikesa no armazém onde vive com a família, em Baleizão FOTO ALBERTO FRIAS

Berikesa tem uma panela com sopa de frango e legumes ao lume. O fogão está a dois passos da cama, que está a dois passos da cama seguinte, que está colada à cama seguinte. É difícil contar todas as colchas coloridas sobre os colchões espalhados à volta do barril azul, transformado em salamandra, no meio de um armazém, que está a dois passos do armazém seguinte, que está colado ao armazém seguinte, à saída de Baleizão, no concelho de Beja.

Nos casões, como aqui se chamam aos armazéns, há apenas velhos, mulheres e crianças. Os homens, espalhados pelos enormes olivais das redondezas, atacam oliveira atrás de oliveira. A história repete-se todos os anos: nos três meses da apanha da azeitona, de novembro a janeiro, centenas de imigrantes mudam-se para o distrito de Beja à procura de trabalho num trabalho que mais ninguém quer fazer. Trabalham de sol a sol, recebem ao dia, param quando chove, não recebem quando estão parados, vivem onde podem e desaparecem quando acabam.

Este ano, porém, algo mudou e, de repente, a história de sempre tornou-se um problema. Tão sério que, na quinta-feira, a Câmara de Beja reuniu, numa sessão extraordinária, o Conselho Municipal de Segurança. "Em Baleizão mais de uma centena de pessoas (144, segundo o SEF) pernoitam por cinco euros num edifício sem as condições mínimas exigidas por lei", explica ao Expresso o presidente da autarquia, Jorge Pulido Valente, sobre os casões onde já ferve a sopa de Berikesa.

"Prejuízo incalculável"

Agora todos estão atentos, da Autoridade para as Condições do Trabalho aos serviços sociais da autarquia, passando pela Cáritas e pelo Banco Alimentar. Garantir alimentação adequada a todos e atenção especial às crianças é a prioridade. "Temos de saber integrar estas pessoas, a maior parte das quais romenos, dar-lhes condições de trabalho e de vida. Estão a ajudá-los. Não temos gente para este trabalho e seria um prejuízo incalculável para a região não poder rentabilizar os olivais", adianta Pulido Valente.

Há pouco mais de uma semana, em Salvada, freguesia vizi-

EXCLUSÃO

50

famílias ciganas de Beja foram realojadas em 2006 numa zona afastada da cidade e têm até hoje um muro à sua volta e muito poucas condições de vida. O European Roma Rights Center, a mais conhecida ONG de defesa dos ciganos, apresentou em 2010 queixa ao Conselho da Europa

nha, um trabalhador foi morto à facada no apartamento de dois quartos que partilhava com outras sete pessoas. Um dia antes, numa operação Stop, a GNR tinha identificado mais de 240 cidadãos romenos, todos a trabalhar na apanha da azeitona.

"Nos últimos dois anos aumentou o número de cidadãos romenos", afirma o capitão Eduardo Lérias, da GNR de Beja. Um incremento que resulta de, desde 2011, os romenos não precisarem de autorização para trabalhar em alguns países da

FISCALIZAÇÃO

AZEITONA SEGURA

É o nome da operação que a GNR preparou para os meses da apanha da azeitona nos comandos de Portalegre e de Beja. Além do reforço do patrulhamento e de ações de fiscalização, o contacto dos militares com proprietários e trabalhadores permite recolher informações e dados sobre o sector. Nos últimos cinco anos, acentuou-se a substituição de trabalhadores portugueses por imigrantes nos olivais.

ÁREAS DIVERSAS

O presidente da Câmara de Beja defende que o Governo deveria assumir a coordenação do processo de fiscalização em Baleizão, já que envolve várias áreas: condições de trabalho, vistos, condições de habitabilidade e ação social.

União Europeia, como Portugal.

Berikeza, 48 anos, e a família, quase 20 pessoas, chegaram em 2004. Estão na azeitona até janeiro, a seguir apanham morangos em Torres Vedras, depois fruta no Bombarral, depois Tomar... terra atrás de terra, ano após ano. "Aqui tem trabalho. Na Roménia não. Este casa muito bom", diz a mulher.

Silvestre Trancão, presidente da Freguesia de Baleizão, anda preocupado. "O que me preocupa? As botijas de gás dentro daqueles casões. A falta de privacidade das pessoas e, principalmente, a falta de comida. Os caixotes de lixo que lá temos aparecem revirados, sabe?"

Baleizão tem menos de 900 habitantes durante três quartos do ano. Nos meses da azeitona, passam a mais de mil. O olival é o principal negócio da região, controlado por espanhóis e fundamental para a economia local. Mas não há gente que chegue para a apanha e, quando há, é mais caro. "O português pede 40 ou 50 euros por dia. Eles trabalham por 30", diz um habitante.

Por isso, trazidos por angariadores ou por si próprios, "eles" vêm e trazem as famílias. Andam em grupo, falam uma língua estranha e fecham-se a estranhos. Os da terra desconfiam. É terreno fértil para boatos, mas as autoridades garantem que não há qualquer pico de criminalidade nestes meses.

Pulido Valente, o autarca eleito pelo PS, que na véspera tinha visitado os armazéns, gostava de ver o Governo assumir a coordenação de todo o processo. O presidente da junta, eleito pela CDU, diz ao Expresso que gostava que alguns "habitantes de Baleizão tivessem as mesmas condições de vida que têm os trabalhadores da azeitona".

O dono dos casões, António Palminha, gostava que as obras que está a fazer andassem mais depressa. "Esta gente vem para aqui, ninguém lhes aluga casa e eles têm de trabalhar. Aqui têm casa de banho, cozinha, aquecedores, eletricidade. Estou a isolar os tetos... É melhor do que estarem no monte".

Berikesa tem a sopa pronta. Em breve será noite. Em breve será janeiro. Em breve haverá morangos para apanhar longe daqui.

ALEXANDRA CARITA
e RICARDO MARQUES
rmarques@expresso.imprensa.pt